

O Natal antes de Cristo

O Homo Sapiens surge há 35 mil anos ou mais, praticamente com as mesmas características físicas do homem atual. Por isso o alcunharam de Sapiens Sapiens. Foi ele, possivelmente, que começou por dar importância à morte do outro, a fazer o funeral, a criar o culto da morte e da religião, uma vez que ambas estão interligadas. Enquanto a chamada morte física é algo repentino (só quando se dá a rutura do cordão prateado) a morte vista numa perspectiva sociocultural, é bem mais complexa: confirmar a morte física, avisar família e amigos, preparar o funeral, intervenção religiosa, local para depositar a urna em definitivo... etc.

As religiões foram dadas aos povos de acordo com as suas Culturas e necessidades, pelos Anjos do Destino, segundo nos diz Max Heindel na carta 4 (Cartas aos Estudantes).

As primeiras religiões, tudo leva a crer que tenham sido as religiões agrárias, uma vez que a agricultura, embora rudimentar, era a base da alimentação e antes disto o homem era recolector.

Pendentes das condições climáticas, o nosso antecedente adorava o Sol, a Lua e a chuvas, elementos que lhe prediziam e proporcionavam a abundância ou não, das colheitas. Por tudo isto celebravam religiosamente o Solstício do Inverno porque o Renascimento do Sol a subir o Equador iria fecundar a Terra, beneficiar as sementeiras.

O Equinócio da Primavera era o início do crescimento da erva (para os animais e nem só! Há ervas comestíveis e medicinais.) Os frutos, o despertar da virilidade para muitos animais, a amplitude da alegria que a Primavera transmite à vitalidade de tudo, homem inclusive.

Em oposição ao Solstício invernal temos o de Verão, altura das colheitas que outrora, longe da mecanização atual, levavam meses a concluir.

O Equinócio do Outono era o descanso da faina agrícola, altura dos armazenamentos, contratos e transações. E depois, o Sol iniciava a sua descida como para a morte, período escuro, de recolhimento.

É evidente que tudo isto ao longo da Pré História e da História tem a sua cadência e evolução sempre cada vez mais acelerada...

Solstícios e Equinócios eram, pois, momentos de grande festa religiosamente cumpridos. O Solstício do Inverno era comemorado mais ou menos na altura em que hoje se celebra o Natal. Segundo a denominação latina/romana era a festa do *Natal Solis Invictus* (nascimento do sol invencível) muito celebrado sobretudo por egípcios e sírios.

Se analisarmos bem, veremos que as religiões encaixam umas nas outras por sincretismo, tendo sucessivamente sido umas inspiradas nas que lhes antecederam. O Cristianismo não foi exceção. Saído do Judaísmo, foi também beber, inspirar-se na Religião de Mitra que ainda viveu paralelamente com o Cristianismo, e era cultivada pelo Império Romano até ao ano 325 quando o imperador Constantino vendo que o Cristianismo cada vez ganhava mais adeptos e o seu império, pelo contrário, cada vez mais ia decaindo, o seu exército desorganizado e desacreditado pelo excesso das orgias, decreta que todo o império passaria a ser cristão. Então, sob a influência e proteção do Imperador, organiza-se o Concílio de Niceia que, unindo todas as igrejas dispersas e autónomas criavam a Igreja Católica Romana. Constantino que não era cristão, com uma inteligente ação política, salvou o seu império, mas não por muito tempo...

Voltemos aos tempos anteriores ao Cristianismo, quando os Romanos dominavam a Europa e o próximo Oriente. Embora de origem Persa (hoje Irão) O Mitraísmo recebeu culto em várias religiões, mas foram os romanos os mais divulgadores. O deus Mitra estava conectado com o astro Sol – *Solis Invictus* – e os próprios soldados faziam de apóstolos dilatando a fé e a crença em Mitra sobretudo no século primeiro da nossa era. No Egito e na Síria era grande a multidão que acorria aos cultos.

Quando das celebrações do Solstício do Inverno que tem percorrido toda a Pré-História e História do homem, as religiões foram adaptando o culto à sua maneira. No Mitraísmo, os crentes recolhiam-se em grutas e à meia noite gritavam que o menino (Deus Sol) tinha nascido. *A Senhora Deus à luz* – diziam. Depois, um recém-nascido era tomado como símbolo, levado à gruta e todos o iam beijar...

Os romanos que também tinham um Deus Solar – Janus, vai dar origem ao nome do primeiro mês do ano *Januarius* assim como ao nome dos cânticos ao Deus menino, as *janeiras*.

Entretanto, têm surgido algumas divergências ao longo da História, sobre a veracidade da data do Natal Cristão. No Oriente, os Cristãos Ortodoxos celebram o Natal a 6 de janeiro. Até já houve quem Advogasse a era da Páscoa para nascimento de Jesus da Nazaré. Tal confusão deve-se em parte ao seguinte: dos evangelistas, só Lucas e Mateus se referem ao nascimento do Messias, mas sem descreverem a data e local do acontecimento, pois isso não era rigor na época. Mateus diz que Jesus nasceu em Belém no tempo de Herodes. Segundo Flávio Josefo, historiador nascido no ano 37 da nossa era, Herodes morreu 4 anos antes de Jesus.

Na verdade, Os evangelhos oferecem diversas pistas no que diz respeito ao ano de nascimento de Jesus. Mateus (2:1) associa o nascimento de Jesus ao reinado de Herodes, o Grande, que morreu cerca de 4 anos a.C., enquanto que Lucas (1:5) menciona que Herodes reinava pouco antes do nascimento de Jesus, embora este evangelho também associe o nascimento com o censo de Quirino, que decorreu dez anos mais tarde. Lucas (3:23) declara que Jesus tinha cerca de trinta anos de idade no início do seu ministério; ministério esse que, de acordo com Atos (10:37) foi precedido pelo ministério de João, que Lucas (3:1) afirma ter começado no 15.º ano do reinado de Tibério (28 ou 29 d.C.). Ao comparar os relatos do evangelho com dados históricos e usando vários outros métodos, a maior parte dos académicos determina a data de nascimento de Jesus entre 6 e 4 a.C.

Há na verdade uma aparente contradição a respeito de datas entre Lucas e Mateus. Todavia, dada a confusão que também tem havido quanto à formação e renovação do calendário, é muito possível que o ano 2018 em que vivemos não seja numericamente o verdadeiro. Mas qual o mal disso? Há tanta gente que celebra o seu aniversário em dias diferentes do que dizem os registos... Para nós, valem mais os factos que as datas.

O Cristianismo das origens fez coincidir o Natal com o Solstício. Dadas as confusões Natal-Solstício pagão, resolveram os cristãos sírios, egípcios e os ortodoxos, celebrar o Natal a 6 de janeiro para esquecer o Solstício Pagão. No ano 375 os cristãos ocidentais resolveram ampliar a festa de Natal de 25 de dezembro a 6 de janeiro; a primeira, como o nascimento e adoração dos pastores; a segunda como adoração dos Reis Magos. Mantendo entre as datas a chama do madeiro...

Ainda sobre as dúvidas quanto ao nascimento de Jesus, atrevemo-nos a equacionar o seguinte: Muito embora não haja rigor de informação histórica, admite-se, segundo a tradição, que muitas divindades estavam conectadas com o Sol, tais como: Adonis (Síria) Baco e Apolo (Grécia) Osíris e Horas (Egito) Mitra (Pérsia) e que todos eles terão nascido quando do Solstício do Inverno ou muito próximo. Porque Jesus, que receberia o Cristo, não nasceria também na altura do Solstício?

Por outro lado, a liturgia católica fixou o momento em que Maria concebeu Jesus a 25 de março – Dia da Anunciação (sobrepondo-se ao culto pagão da Magna Mater). O relato da anunciação (Luc.1:26-38) refere-se ao 6.º mês da concepção de João Batista, filho de Isabel, prima de Maria. De acordo com a ordem normal da vida, se o 25 de março era o sexto mês da gestação, os nove meses para nascer João Batista, seria até, como é celebrado, no 24 de junho. Se no sexto mês da gestação de João, Maria concebeu (Anunciação) nove meses depois dará o 25 de dezembro, dia de Natal.